

Alma Solitária

© 2022 – Conhecimento Editorial Ltda

Alma Solitária

LÚCIO / MARIA STELLA

Todos os direitos reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques

CEP 13480-970 — Limeira — SP

Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

[vendas@edconhecimento.com.br](mailto: vendas@edconhecimento.com.br)

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Revisão: Mariléa de Castro

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-136-0

1ª Edição – 2022

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lúcio (Espírito)

Alma Solitária / obra psicografada por Maria Stella

– Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2022.

202 p.)

ISBN 978-65-5727-136-0

1. Romance espírita 2. I. Título

22-

CDD – 133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo

Lúcio

Alma Solitária

Os longos caminhos do carma

Psicografado por
Maria Stella

2022



Sumário

Prefácio	7
1 – O cruel chinês	9
2 – A revolta do mudo	24
3 – A deusa decepada	36
4 – O enjeitado	60
5 – A imagem da virgem	100
6 – Luz e trevas	158
7 – Soldado da paz	180
8 – O veneno da maledicência	188
9 – Cedrik, o redimido	199

Prefácio

Irmãos, paz e amor.

A todos nós, encarnados e desencarnados, nos cabe dar uma parcela de boa vontade no servir.

Fora da vida física desde o século XVIII, outro programa nos aguardava, para no devido tempo ser executado.

Nas tarefas socorristas, encontramos alguns casos que, levados ao mundo físico para conhecimento de nossos irmãos presos ao veículo da carne, elucidassem certos problemas afli-tivos que, em todos os tempos, cercaram e ainda cercam a humanidade terrena.

Aqui nos reportamos à história de uma alma isolada que, muito tendo errado, muito sofreu.

Espírito delinquente, vicioso, entregue a toda sorte de crimes, buscou para si mesmo várias vidas de expiações as mais dolorosas. Vamos encontrá-lo ora cego, ora mudo, andrajoso ou ricamente vestido, sempre expiando faltas passadas, sempre punido por si mesmo, pela sua má conduta, pela sua invigilância no contato com o mal. Esse espírito há pouco deixou o mundo físico, completamente redimido das vidas pregressas. Hoje priva conosco, habitando um dos muitos pousos de amor que, espalhados no espaço infinito, recebem almas devotadas ao bem para a ele se consagrarem.

Ciente de nosso programa, qual seja, levar para o mundo terreno os exemplos vivos, os esclarecimentos sobre vidas passadas, mostrando o porquê dos sofrimentos em diversas modalidades, ele próprio, com permissão do Alto, nos pediu relatássemos sua história, seus crimes, seus erros, pecados e também os sofrimentos posteriores, a fim de que sua lição

se prestasse a acelerar o progresso dos bem intencionados e a despertar os que ainda se entregam a toda sorte de ignomínias.

Nunca é tarde, e o tempo não passa em vão.

Hoje somos miseráveis, amanhã seremos venturosos. Dentro de nós há luz e sombra, anjo e demônio, homem e fera, virtudes e maldades.

Dominemos o lado mau e o lado bom começará a se ampliar, emitindo raios claros que iluminarão o nosso caminho. Esses raios, pequeninos de início, tornar-se-ão potentes faróis, se soubermos aproveitá-los no discernimento das causas justas, na conduta reta, na oportuna vigilância para não reincidir nos erros que nos arrastam aos abismos os mais variados, os mais dilacerantes.

Possam as várias vidas de nosso irmão, que chamaremos de Cedrik, fugindo ao nome real por motivos justificáveis, servir de exemplo e de incentivo àqueles que, presos ao vaso carnal, se entregam à negligência espiritual, ao descaso das Verdades Eternas, ao desânimo, para não dizer aos graves erros como os que o conduziram a uma série de expiações bastante dolorosas.

Hoje, na qualidade de espírito elevado, Cedrik vos convida à meditação introspectiva, para que, dentro de vossos próprios atos, encontreis a paz dos bem-aventurados.

Paz e amor!

Lúcio

1

O cruel chinês

No olhar de Cedrik perpassou uma nuvem de tristeza, depois sorriu feliz. Terminara seu relato, impressionante para muitos de nossos companheiros que ainda lutam para vencer a si próprios. Agora nada mais temia. Saíra há pouco do vaso físico, após ter enfrentado terrível enfermidade, sofrendo dores cruéis, mas resignado e submisso ante a vontade do Senhor. Na verdade, a dor o visitara antes, mas revoltado, dela não se beneficiou, antes agravou os débitos contraídos anteriormente. Deixando a terra, trespassado pelo sofrimento, entrou na Pátria Espiritual como espírito venturoso.

* * *

Devassando o passado, vamos encontrar Cedrik, na velha China, vivendo como rico mandarim, sob o nome de Li-Itsang. Mau, violento, vingativo, bárbaro, cometendo toda sorte de crimes, os mais hediondos. Sua cólera atingia famílias inteiras que mandava dizimar sem nenhuma piedade. Mesmo dentro de sua classe social era detestado e temido.

Ávido de posses materiais, sacrificou o pai e dois irmãos para herdar grande fortuna. Um criado da casa, dedicado e amigo, se insurgiu contra Li-Itsang e teve a língua arrancada, com todos os requintes de perversidade.

Li-Itsang cedo contraiu matrimônio com a filha de Fao-Shang, amigo e vizinho de quem já recebera favores. Lieu, a jovem esposa, logo percebeu ter-se unido a um mostro sob figura humana. Tinha-lhe medo e asco e, quando sentiu que ia ser mãe, o medo se transformou em pavor. Ao nascer a crian-

ça, não sendo varão, como Li-Itsang desejava, mandou que um escravo a atirasse ao rio, enquanto submetia Lieu às mais bárbaras torturas. Mais tarde, outra filha nasceu e Li-Itsang, desesperado, impôs a ela a mesma sorte da primeira e mandou que o escravo arrancasse a faca as entranhas de sua esposa. O escravo se negou a tão nefando crime e teve as mãos decepadas, enquanto ele próprio executava a macabra tarefa. Lieu teve morte horrível e seus despojos foram atirados ao campo.

Fao-Shang tentou vingança e viu sua casa arder em imensa fogueira.

Pouco tempo depois Li-Itsang contraiu novas núpcias, desta vez com modesta camponesa por quem se apaixonou perdidamente. Mas em pouco tempo se fartou e, após infligir-lhe maus tratos, entregou-a a um rico comerciante que lhe vendera, a preço irrisório, umas ricas pedras para sua notável coleção. Tomou depois três concubinas, para maltratá-las tão logo saciada sua sede de amor impuro e inescrupuloso. Outras vieram, com a mesma sorte.

Ao atingir os 40 anos, Li-Itsang era invejado pela imensa fortuna e odiado pela sua crueldade.

Dentre os muitos desafetos estava Ming, sobrinha de Fao-Shang, que havia jurado vingar a morte do tio e de Lieu. Para tanto, não sentiu nenhuma revolta quando Li a tomou para sua diversão. Graciosa e inteligente, sabia conduzir o senhor para se tornar a favorita. Quando sentia o interesse arrefecido, se tornava arredia e sempre com um sorriso enigmático, usando artimanhas as mais diversas, ia conseguindo seu objetivo.

Li-Itsang viajava constantemente e sempre deixava atrás de si um rastro de sangue, de fúria selvagem. Vaidoso ao extremo, fazia questão de, ao regressar, ser recebido festivamente. Todos da casa deviam tributar-lhe honras especiais e por vezes os programas festivos duravam dias consecutivos. As iguarias eram as mais finas, música que o embalasse não podia ser interrompida, criados às dúzias para atendê-lo nos mínimos caprichos.

Na sua última ausência, mais prolongada, Ming começou

a arquitetar um plano. Embora Li-Itsang fosse odiado pelas concubinas e pelos criados, Ming se revestia de toda cautela para não despertar suspeitas. Fazendo-se de entediada com a ausência do mandarim, passou a visitar vasta galeria de arte que havia no rico palácio. Ali havia desde pedras preciosas, objetos de ouro, até finíssimos trabalhos de marfim, executados por mestres chineses e japoneses. Contudo, não encontrou o que procurava, a arma que a livrasse de tão nefanda criatura.

O acaso veio ao seu encontro. Um mercador egípcio fora vender objetos de arte e o criado que o recebeu procurou Ming para, na ausência do mandarim, tratar da transação, caso houvesse interesse para o amo.

Ming sorriu ao ver, entre tantos objetos antigos, um que lhe serviria – um belo punhal com cabo de marfim ricamente trabalhado. Fez-se de desinteressada e começou por examinar algumas estatuetas, painéis, e várias miniaturas. Escolheu o que lhe pareceu mais raro e já ia efetuar o pagamento quando o egípcio insistiu que adquirisse o punhal. Afastando suspeitas, demorou a demonstrar interesse e por fim se decidiu. Ela própria levou os objetos à galeria e o punhal ficou oculto sob suas vestes, jamais se separando de tão útil objeto.

O regresso de Li-Itsang foi anunciado por um *culie*, com alguns dias de antecedência. Ming foi quem deu as ordens para as festividades, o que ocasionou grande ciúmeira entre o mulhierio. Após algumas divergências, acabaram se entendendo e o programa foi caprichosamente delineado. O extenso jardim foi todo ornamentado com lanternas coloridas, imenso tapete cobria toda a área em que o mandarim fosse pisar. Foram contratados os músicos mais afamados. Iguarias exóticas, bebidas de diversos países foram preparadas. Ming dava o máximo para que tudo saísse a contento do exigente senhor, e não se descuidou de si própria.

No dia anunciado, antes que as trombetas soassem, avisando da aproximação de Li-Itsang, Ming passou horas no banho perfumado. Vestiu-se como uma rainha, nos negros cabelos colocou um belo enfeite de pérolas. Seus pequeninos pés calçavam sandálias bordadas a ouro e pedrarias. O quimo-

no, todo bordado, era de um rosa que acentuava sua bela cor mongólica. E foi assim que se postou no jardim, para receber o poderoso mandarim.

O palanquim, conduzido por quatro *culies*, parou junto ao portão de ferro. Li-Itsang desceu sorrindo, satisfeito com a homenagem e com a pompa do acontecimento. Ao ver Ming teve uma exclamação de surpresa; achou-a linda, tão linda que a carregou nos braços fortes e cobriu-a de presentes valiosos. Ela, com o coração a bater, apalpou o punhal, mas era cedo, não podia se precipitar. Esquivou-se de suas carícias pretextando uma ordem a dar.

Outras concubinas o rodearam, recebendo todas elas presentes de real valor. Muitos desses presentes, ele os adquirira a peso de ouro, mas a maioria fora produto de saque por diversas regiões em que passara. Como de outras vezes, houve incêndios à sua passagem e grande número de vítimas a lhe votar um ódio selvagem.

Diversas arcas contendo pedras, joias, objetos de marfim e jade, foram colocadas no grande salão onde seria servido o repasto. Li-Itsang queria deslumbrar os convivas com ofertas nababescas.

Altos potentados do Celeste Império já se achavam sentados em ricas almofadas quando Li-Itsang, precedido por Ming e Luan, deu entrada no salão. Música se fez ouvir e um grupo de exímias bailarinas passou a animar os festejos.

O mandarim, enquanto comia, narrava detalhes de suas aventuras naqueles quatro meses de viagem. Ante um olhar desconfiado, ele proferia improperios, para logo em seguida continuar se vangloriando de feitos dantescos. Bebia muito e, à medida que o álcool era consumido, ia ficando irreverente, e ponto de estalar o azorrague para um amigo que se atreveu a elogiar a beleza de Ming.

Após algum tempo, Li se ergueu e foi ele próprio até as arcas e, enchendo as mãos de ricas prendas, arremessava-as às bailarinas, que davam gritinhos de contentamento.

Presenteou amigos com objetos raros e teceu elogios a si próprio pela sua prodigalidade. Voltou a se sentar no lugar de honra e, para surpresa sua, Ming, aos primeiros compas-

sos de um novo número musical, se ergueu e pôs-se a dançar. Tirou uma espécie de capa que trazia sobre os ombros e atirou-a no chão, deitou-se sobre ela com movimentos lentos e serpenteantes, para logo em seguida se erguer, em movimentos lentos e rotativos. Li-Itsang vibrava; não conhecia essa arte de Ming, jamais a julgara inclinada para o bailado. Tão embevecido estava que não percebeu que outro mandarim, Chueng-Wu, a cobiçava ardentemente. Ming, com movimentos graciosos, retirou o punhal de sob as vestes e fazendo dele parte do número, ora o erguia, ora o encostava no próprio peito, atirava-o ao ar, apanhando-o próximo ao chão, dava outros passos serpenteantes e voltava a manejar a arma com maestria. Luan, sua maior rival, olhava-a com intenso ódio e Ming, zombando, fingia que ia atirar-lhe o punhal.

Li-Itsang bebeu mais dois copos de vinho e caminhou para o estrado onde Ming se exibia. Sua voz já era pastosa quando lhe dizia gracejos; tentou agarrá-la, mas com graça e agilidade Ming se furtou ao contato de suas mãos. Ele, colérico, fez a segunda tentativa e, ao ser repellido, tomou-se de fúria intensa. Era justamente o que Ming pretendia. Fazendo sinal aos músicos para que acelerassem o ritmo, ela acelerou também os passos e os movimentos. Rindo provocante, balançava-se na frente de Li-Itsang para levá-lo à agressão. Premeditara o crime para o silêncio da alcova, mas lhe seria mais difícil sair impune, agora a oportunidade aparecia e contava sair vitoriosa.

Após voltas, requebros e trejeitos, Ming demonstrou cansaço. Li-Itsang segurou-a pelo calcanhar e ambos rolaram pelo chão. Ele rasgou-lhe as vestes, desnudando os seios e, ao pregar os dentes em um deles, sentiu uma dor aguda no peito: Ming lhe cravara o punhal no coração.

Os assistentes não perceberam de pronto a tragédia consumada. Ainda estavam atentos quando Ming se ergueu. Calma e fria, deixando Li-Itsang de bruços no tablado, se encaminhou para o mandarim Chueng-Wu e juntos deixaram o salão.

Só então, com o grito de Luan, que fora erguer Li-Itsang, julgando-o apenas ébrio, deram-se conta de que ali houvera um assassinato.

Os comentários eram contraditórios; enquanto uns sorriam aliviados, outros lamentavam a ocorrência. Luan correu a perseguir a odiada rival, mas Ming, sob a proteção de Chueng-Wu, já se achava a salvo em outro bairro de Shangai.

Alguns convivas se retiraram de imediato, outros, menos sensíveis, continuaram como se nada houvesse acontecido. Li-Itsang fora odiado por grande número de desafetos; seus crimes eram bastante conhecidos. Muita gente ali fora temendo represálias cruéis, portanto não havia motivos para lágrimas ou lamentações. A própria Luan fingia desespero que estava longe de sentir. Fora maltratada, conhecera o peso da mão de Li-Itsang e ali continuou pelo temor e um pouco por cobiça das riquezas do mandarim.

Lacrimosa, mandou que os empregados da casa cuidassem do corpo enquanto, com mais duas companheiras, procurava persuadir alguns convidados que teimavam em ignorar a tragédia e não queriam se retirar.

No dia seguinte, obedecendo aos ritos chineses, houve uma série de cerimônias fúnebres, Um parente afastado compareceu para reclamar lembranças do morto. Luan, vendo que a hora lhe era propícia, escorraçou o intruso e se apoderou de pertences valiosos para fugir em seguida.

Ming não voltou. As ricas joias não mais a interessavam. Conseguira sua vingança e sentia-se aliviada e quase feliz. Não sabia ela que maus momentos passaria ainda com Li-Itsang espírito.

Haviam decorrido quatro meses. O nome do rico mandarim estava completamente esquecido por aqueles que lhe tinham sido mais chegados. Ming continuava em casa de Chueng-Wu. Recebera novas joias, belas vestes, criadas, e agora ia ser mãe. Embora cercada de todos os cuidados, passou de repente a ter atitudes incompreensíveis. Sempre fora meiga e educada. Essas qualidades eram admiradas pelo seu novo senhor, habituado a tratar com moças temperamentais e agressivas. Agora, entristecido, ele via que Ming não era diferente das outras, embora ainda tivesse momentos de ternura.

Quando Chueng-Wu a censurava por alguma falta, ou ficava seriamente zangada ou corria a pedir-lhe perdão, dando

mostras de sincero arrependimento. Beijava-lhe os pés, fazia-lhe uma série de carinhos, cantarolava, para daí a pouco cair em pranto convulsivo.

Faltavam três luas para Ming dar à luz, quando pesadelos infernais começaram a molestá-la, de tal modo que tirava a paz de quantos a rodeavam.

Chueng-Wu residia com esposa e filhos num pavilhão, e em outro Ming e três servas. A mulher de Chueng-Wu estava a par da situação. Não lhe causara revolta a presença da concubina, pois era costume na China que esses fatos se dessem. Porém ela havia imposto que as noites, o esposo passasse a seu lado. Ficou contrariada quando, a chamado de uma serva, Chueng-Wu foi ver Ming que, em sono, gritava como se a estivessem espancando.

Chueng, ao se aproximar do leito, teve estranha sensação; se não controlasse seus ímpetos, teria estrangulado a jovem chinesa. Ming, por sua vez, gritava-lhe que saísse, que ele era Li-Itsang, que vinha buscá-la. No resto da noite ninguém dormiu.

Madame Wu se revoltou com o marido e a vida, antes serena, passou a ser um verdadeiro tormento. Ninguém mais se entendia. Ming não mais suportava a presença de Chueng-Wu e este passou do amor ao ódio intenso. Diariamente as mesmas cenas se reproduziam.

A criada de Ming chamou um aldeão, célebre em exorcismos, para, com sua mágica, pôr fim àquele estado alarmante. A admiração de Chueng-Wu não podia ser maior, pois seu ódio decresceu e aos poucos voltou a se dedicar a Ming. Passou a acreditar, não na presença de Li-Itsang, mas na presença de espíritos maus que queriam arrebatá-lo o amor da jovem.

A serenidade de Ming voltou; agradeceu à criada, foi solícita com o amo, demonstrou afetividade para com o aldeão, que voltou a visitar a casa.

Mas a paz não devia reinar por muito tempo.

O filho mais velho de Chueng-Wu, contando 17 anos, curioso ao extremo, enquanto todos dormiam, foi ao encontro de Ming. Procurou imitar a voz do pai; no escuro, conseguiu o seu intento, e pela jovem se apaixonou perdidamente.

Era a trama de Li-Itsang, no Espaço, que vencida. Cruel e mau, continuava sua obra nefanda; seu espírito clamava por vingança contra Ming e o mandarim, e o instrumento que tanto procurara foi encontrado na figura do jovem Lao-Wu.

Por diversas noites Lao desfrutara daquele amor. O pai, mais retraído com os ciúmes da esposa, nada percebera. Ming, por sua vez, não notara a diferença física. E a trama do espírito revoltado de Li-Itsang continuava. Quando julgou que a hora era decisiva, se postou junto a Chueng-Wu para tirar-lhe o sono. O mandarim ergueu-se, deu voltas pelo aposento e uma vontade incontida de ver Ming o dominou por completo. A esposa dormia tranquila; pé ante pé, ele saiu em demanda do outro pavilhão.

Ao afastar a cortina de bambu, percebeu vozes. Com quem falaria Ming? Seria o pesadelo que estava a voltar? Mas eram vozes sussurradas. Continuou caminhando. A escuridão era total. Prendendo a respiração, ouviu o diálogo:

– Meu amor, nosso filho será tão lindo como tu. Terá teus negros cabelos, teus belos olhos.

– Sim, querida, e quero que sejas minha para sempre. Tu és o meu raio de sol para aquecer os dias de inverno, tu és o raio de lua para enfeitar as noites de tristeza.

Chueng pensou em retroceder; mas uma voz o intimava: “– Segue, tira-lhe a vida antes que a perjura fuja com outro ou que te mate sem nenhuma piedade. Não tens arma? Usa as mãos. Anda, depois será tarde. Tua vida corre perigo”.

Chueng-Wu avançou cautelosamente e, num salto, agarrou um pescoço, torceu, e ouviu um estalido e um grito de mulher. Não sabia a quem atingira. Ele próprio gritou por Ming a toda voz.

A criada apareceu trazendo pequena tocha.

O quadro era apavorante: Ming, olhos arregalados, não compreendia; ao seu lado um jovem dava o último suspiro e o mandarim, debruçado sobre ele, chorava, pedindo aos deuses que lhe tirassem também a vida.

– Que fizeste, pai de meu filho? Tu estavas ao meu lado, falando ternamente, e agora choras? Quem é esse jovem? Por acaso tu o atraíste aqui para matá-lo?

A criada continuava muda de espanto. Chueng não largava o cadáver do filho e Ming, desesperada, tentava que ele falasse.

Após alguns minutos, que pareceram séculos, Chueng se ergueu e, com o olhar a destilar ódio, gritou:

– Traidora, eu roubei a vida ao meu filho, mas foste tu quem o matou, atraindo-o a ti. Entraste nesta casa trazendo maldições. Fingiste que ias me dar um filho, quando me ias dar um neto.

– Não, não, há um erro em tudo isto. Ontem, hoje, estes dias todos, tens estado a falar comigo sobre nosso futuro, prometeste ontem me levar a Pequim, tão logo eu te desse um filho varão.

– Mentas, desalmada. Tu sabes que só estou contigo durante o dia, a noite era para gozares de outras aventuras? E escolheste meu filho. Tu és maldita, mil vezes maldita.

Ming ergueu-se pesadamente, foi a um canto da alcova onde havia pequeno móvel, abriu-o sem ruído. Um baque surdo, e seu corpo estava atirado ao solo. A criada chinesa deu um grito, Chueng se curvou e ouviu suas palavras que saíam com dificuldade:

– Homem descrente, não percebeste que teu filho usava tua voz? Ambos fomos traídos; nunca o vi antes juro-te; julguei que... tinhas abandonado tua esposa... por isso passavas as noites comigo. Nosso filho sabe... Estou com medo... É ele que volta... Quer me levar... Não... Não...

Chueng ergueu o corpo de Ming e colocou-o no leito. Seu olhar pousou em Lao. Seria verdade? Ele usara seu nome, sua voz, para chegar até Ming? Como dizer à esposa o ocorrido?

O mesmo punhal que Ming comprara ao egípcio e que eliminara Li-Itsang ali estava, tinto de sangue. Chueng sentia-se tentado a usá-lo para si próprio. Pensou na esposa a quem amava, nos outros filhos que dependiam dele. Saiu a correr, deixou a casa e pôs-se a vagar pelas ruas ermas.

Tudo escuro, tudo deserto. Caminhou sem rumo, não conseguia coordenar os pensamentos. Por vezes se deteve e olhou para trás: parecia que alguém o seguia, parecia-lhe ouvir a voz de Ming. Voltava a vê-la dançando em casa de

Li-Itsang e amaldiçoou aquela festa. Até então tivera paz no coração. Por que não fugiu quando os seus olhares se encontraram? Por que a levou consigo, se era feliz no lar? Seu pensamento voltou ao filho morto por suas próprias mãos. Lao, o filho mais velho, o filho querido para quem tanto sonhara. Um soluço amargo e Chueng tomou o caminho de volta.

O dia amanhecia quando ele entrou em casa. Foi ver a esposa que dormia ainda. Revestiu-se de coragem e foi à procura da serva que presenciara parte da tragédia. Encontrou-a no mesmo lugar. Sentada no chão, soluçava baixinho. Ergueu-se quando o mandarim entrou. Em seu olhar, de ordinário humilde, ele percebeu um lampejo de ira incontida. Ela cruzou os braços e esperou que o amo falasse.

– Sing-la, nada sabes, nada viste, compreendeste bem? Mais tarde irás ao Pavilhão Azul anunciar a tragédia. Cuidarão da senhora, enquanto tomarei providências urgentes para a remoção de Lao para aquele pavilhão.

A mulher fez um gesto negativo com a cabeça, depois sorriu. Chueng já se irritava com a desobediência muda, quando ela falou:

– Sing-La tomar lugar Ming, fazer tudo. Sing-la moça, gosta do seu senhor – e voltou a rir.

Só então Chueng-Wu compreendeu que não teria outra alternativa. Fez-lhe uma carícia, provando-lhe que aceitava a proposta, e retirou-se do aposento.

Horas mais tarde, profunda amargura dominava a senhora Wu, contudo não se exasperou. Olhou o filho demoradamente, mas parecia estar distante. Não quis ver Ming e não censurou o esposo, mas durante os anos que ainda teria que viver jamais o olhou, jamais lhe dirigiu a palavra. Para ela, Chueng-Wu fora sepultado junto com o filho mais velho.

* * *

Li-Itsang, cruel e vingativo, havia vencido a trama que no Espaço arquitetara. Não sabia ele que, por longo período de tempo, arrastaria penosas vidas, em diferentes lugares, com sofrimentos físicos e morais os mais diversos. Mas nesse instante ele gargalhava feliz, e gargalhando saiu à procura de

Ming; queria encontrá-la, precisava encontrá-la para completar a sórdida e mesquinha vingança. Ming lhe roubara a vida no justo momento em que ele se sentia plenamente venturoso na terra, por isso a fez sair também da vida física com a mesma arma. Sim, ela estava morta, mas onde? Por que lhe fugira? Como conseguira escapar-lhe? Maldita curiosidade, ele fora espionar o inimigo Chueng para gozar seu sofrimento e Ming foi arrebatada.

Qual um monstro errante, Li-Itsang corria por diversos lugares a gritar: “ – Ming... Ming, onde estás? Ming... Hei de encontrar-te, tu és minha”. Gargalhava, se enfurecia, esbravejava e voltava a gritar: “– Ming... Ming...”

A chinesa também padecia horrores, dores cruéis, em imensa solidão. Não sabia onde se encontrava, gritara por Chueng-Wu e ele não lhe respondera; chamara por Sing-La sem obter resposta. Onde encontrar seu amigo? Quis andar, correr, fugir, mas sentia-se presa. Um medo pavoroso a dominou, quando ouviu a voz de Li-Itsang. “É ele, é ele, onde estará? Veio me buscar, preciso fugir”. A voz se aproximou; ele passou rente a ela, não a viu ou não a reconheceu? Há quanto tempo estava nesse desespero?

Novamente a solidão, pio de aves de quando em quando. Desanimada, ergueu-se com dificuldade, deu alguns passos e sentiu uma sombra junto de si. Quis falar, a voz não saiu. “Muda... estarei muda?” Novamente ouviu o seu nome: “– Ming, Ming...” Mas essa voz lhe era desconhecida... Seria amiga? Ou seria seu algoz que a modificava para conseguir seu intento? Sentiu que mão vigorosa a tocava; recuou espavorida, correu o quanto pôde, mas o cansaço a venceu: tombou no solo pedregoso. As mãos a enlaçaram e Ming sentiu que a transportavam para algum lugar. Novamente quis falar, mas sua garganta estava ressequida, não conseguia articular as palavras. Pôs-se a debater-se furiosamente, tentando escapar.

– Sossega, Ming, também eu fujo de Li-Itsang: sou Lao, o filho de Chueng. Também padeço nestes lugares ermos; há muito te procurava para pedir perdão.

Ante o impacto da surpresa, Ming se revigorou e conseguiu falar:

– Traidor! Traíste o teu pai e a mim também. Deixa-me, cão miserável, prefiro a solidão à tua companhia. Fui miserável quando tirei a vida de Li-Itsang, mas eu o odiava e vingava a morte de parentes meus; e tu? Fingiste que eras teu pai, fingiste que eras o pai de meu filho, para gozar tua vida pecaminosa. Desgraçaste a vida de toda tua família e a culpa recaiu sobre mim. Deixei a vida livremente por me sentir indigna de viver. Tu és mais monstro do que Li-Itsang. Larga-me, quero fugir ao teu contato impuro, tu me causas asco.

– Tens que me ouvir, Ming. Estou te pedindo perdão; reconheço meu erro. Fui movido pela curiosidade e me apaixonei por ti. Já paguei bem caro o meu erro. Sofro mais do que supões. Ali há uma pedra grande, vamos nos sentar e conversar com calma.

Momentos depois, ela respondia:

– Não quero conversar coisa nenhuma, deixa-me em paz, se é que possa haver paz nesta região sombria e lúgubre. Prefiro estar só como tenho estado sempre.

Lao, por essas palavras, sentiu que a cólera de Ming havia arrefecido e aproveitou para um entendimento:

– Ming, não quero deixar-te só; o ódio de Li-Itsang te alcançará e poderás passar maus momentos. Peço, imploro-te: tu me perdoas? Agi como canalha, bem sei, mas foi por amor a ti, não queria perder-te. Era minha intenção dizer-te a verdade, porém adia o momento, temendo ser repudiado. Vamos juntos ver meu pai, gritaremos até que nos ouça.

Ming ia responder quando ouviu uma estrondosa gargalhada; voltou-se e deu com Li-Itsang, mais horroroso, disforme, dir-se-ia um monstro com forma humana. Sua voz rouqueira gritou:

– Miserável, tenho-te afinal! Fugiste, mas te alcancei; tu irás comigo, tenho tarefa para ti. Já me vinguei em parte de Chueng, mas falta outro tanto. Tu me ajudarás, como teu companheiro me ajudou.

– O quê? – perguntou Lao, assustado.

– Sim, tu agiste como meu instrumento; te fiz correr para Ming para me vingar de teu pai; fiz com que ele tirasse tua vida, para que sofresse.